

outro lado, apesar de fazer poucos anos que se iniciaram as pesquisas sobre o antígeno Diego, o número de publicações sobre sua incidência é considerável e já se conhece bastante a respeito de sua distribuição mundial. Segundo informa a presente publicação, numerosos antropólogos e serólogos dos cinco continentes demonstraram vivo interesse nos estudos de populações especialmente da divisão étnica mongolóide; no curso de 4 anos (1955-1959) apareceram cerca de quarenta comunicações a respeito e não menos de 30 instituições estão levando a cabo trabalhos em várias partes do mundo. (Mesmo no Brasil, já foram realizadas pesquisas entre os Mundurucu, Caingáng e Carajá, revelando o Di^a uma positividade de 12%, 17,32% e 36%, respectivamente.) Fazendo o levantamento de todo o material conhecido até o momento da publicação, os AA. auxiliam bastante uma visão de conjunto. Por outro lado, sem qualquer intransigência, apresentam as hipóteses alternativas às suas, como, por exemplo, a da perda do gen em virtude do isolamento em casos em que optaram por outra explicação (no dos Irapa, por exemplo). E, como não poderia deixar de ser em qualquer pesquisa científica, esperam por mais material que lhes permita prosseguir, confirmando ou infirmando hipóteses de tão grande importância para a compreensão da história dos grupos mongolóides em geral e do povoamento das Américas em particular.

Gioconda Mussolini

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA: *O Processo de Assimilação dos Terêna*. 166 págs., com fotografias. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1960.

Considerações de ordem extrateórica, por si só, bastariam para reservar um lugar de importância na etnologia brasileira ao trabalho de Roberto Cardoso do Oliveira. A preocupação em estudar uma comunidade indígena focalizando-a como parte de um problema mais geral — o da integração dos vários subgrupos que compõem a sociedade brasileira — faz de sua pesquisa uma peça de interesse não só para o especialista, mas para todas as pessoas que tomam conhecimento e que, de forma consciente, procuram participar do amplo processo de transformação em que o Brasil se encontra mergulhado. Como logo nos adverte o prefaciador, os Terêna, “cada vez mais abrasilizados”, encontram-se “a braços com os mesmos problemas sociais com que se defrontam as massas rurais e as populações urbanas mais pobres de Mato Grosso”. Dêse ponto de vista, quer se trate de índios ou de caipiras, de pequenas comunidades ou de minorias raciais, o problema, visto por uma perspectiva bastante compreensiva, será sempre o mesmo: o de conhecer áreas que se encontram desarticuladas do tipo de sistema social e econômico para o qual tendemos modernamente e de procurar descobrir os mecanismos capazes de promover a integração dessa nova sociedade. É essa, em última análise, a grave questão subjacente ao trabalho aqui considerado e que alarga sua área de interesse e repercussão.

Mas ao lado disso ele apresenta aspectos que interessam muito vivamente ao cientista social. Aparecem, especialmente nos capítulos finais, alguns problemas metodológicos que, sem dúvida, se inserem entre os mais importantes e controvertidos da literatura antropológica e sociológica.

As considerações que faremos em seguida giram em torno do tratamento que o autor dá ao conceito de *conduta*, instrumento que é central em toda a orientação de seu trabalho nos capítulos VI, VII e VIII. Logo no início do primeiro desses capítulos se indica que o conceito será utilizado na acepção de Nadel e empregado como “um conceito intermediário entre ‘sociedade e indivíduo’ e que opera ‘nesta área estratégica onde o comportamento individual torna-se conduta social’ (nota 157, pág. 99).

No texto de Roberto Cardoso de Oliveira, *conduta* aparece como um conceito independente. Entretanto, na passagem de Nadel à qual se reporta, *conduta* é introduzido como um dos termos necessários à discussão de um conceito mais compreensivo, o conceito de *papel social*. É a este, e não à noção de conduta, que Nadel atribui o significado de conceito intermediário entre sociedade e indivíduo. Notando essa divergência na apresentação da noção de conduta em um e outro dos autores considerados, somos convidados a refletir um pouco sobre o contexto teórico de que ela faz parte na formulação de Nadel.

Os papéis sociais constituem o elemento chave na teoria de estrutura social desenvolvida por este último autor. Constituem o principal instrumento de que se utilizou para a síntese que visa fazer entre uma concepção "realista" e uma concepção "formalista" de estrutura social. Não obstante sua afirmação de que estrutura social "constitui um traço da realidade empírica", procura libertar esse conceito das limitações que sofreria se tratado sempre e de modo estrito de acordo com esse ponto de vista. Por isso, procurando atingir um grau máximo de abstração nos estudos de estrutura, Nadel transforma esse conceito num instrumento formal, compreendendo unicamente "ordem e arranjo". É através dos papéis sociais que Nadel tenta estabelecer a ligação entre essas duas posições. Passando gradualmente para níveis de abstração cada vez mais elevados, esse autor parte da consideração de indivíduos concretos e da extrema variabilidade de sua ação para chegar à noção de modos de agir estereotipados e repetitivos, reciprocamente referidos, ou seja, ao conceito de *relações sociais* e à concepção de indivíduos como conjuntos de qualidades requeridas pelas constantes de comportamento de acordo com as quais devem agir, isto é, ao conceito de *papel social*.

Outras teorias de estrutura social acompanham de perto as reflexões até aqui apresentadas. Radcliffe-Brown, por exemplo, conceitua de modo análogo tanto relação social quanto papel social. Nesse autor, entretanto, ambos esses conceitos são integrados em sua teoria de modo consistente com uma perspectiva estritamente "realista" de estrutura social, concebida, ademais, como "coisa".

Na teoria de Nadel, ao se chegar à conceituação de papel social, ocorre, por assim dizer, a libertação desse instrumento de investigação sociológica do ponto de vista inicial do autor e seu considerável enriquecimento. O principal elemento novo introduzido é a noção de conduta. Com isto, o foco de atenção se desloca do *tipo de relações* que podem ser inferidas a partir dos papéis sociais, visando a sua ordenação em uma estrutura, para o processo real de interação, socialmente regulado, havendo, em consequência a atribuição de um sentido às relações que ocorrem entre as pessoas. Realmente, a utilização do conceito de papel social nesses termos representa um desvio bastante grande da modalidade clássica de caracterizar estrutura social e aproxima aquele conceito dos de ação e de relação social, tal como têm sido explorados na sociologia, em conexão com as teorias de sistema social. É preciso não esquecer, porém, que de acordo com Nadel, as estruturas são "traços da realidade empírica" e não apenas um instrumento metodológico de apreensão dessa realidade, o que, evidentemente, não vai permitir a utilização do conceito de papel social ou da noção de conduta a não ser com referência a uma estrutura (ou estruturas).

Como já vimos, ao apresentar o conceito fundamental em sua análise, Roberto Cardoso de Oliveira se reporta a Nadel para esclarecer seu sentido. E, na verdade, *padrão de conduta* é por ele utilizado de modo coerente com as formulações daquele autor. Mas julgamos que, na passagem em que Roberto Cardoso de Oliveira se apóia, as possibilidades de análise abertas pela noção de conduta, que ele depois desenvolve e explora, podem apenas ser *entrevistas*, não tendo sido tratadas de modo sistemático por Nadel. Roberto Cardoso de Oliveira isola *padrão de conduta*, empregando-o como um

conceito independente e de acôrdo com a acepção já iniciada e que o aproxima dos conceitos sociológicos de ação social e relação social.

Nos capítulos VI e VII, com efeito, o conceito de conduta é sempre utilizado com uma liberdade bastante grande em relação à teoria de Nadel e despojado das implicações de ordem estrutural, às quais não escaparia se empregado rigorosamente de acôrdo com aquêle autor. Realmente, ao se valer da noção de padrão de conduta, apenas delineada nas proposições de Nadel, leva bastante adiante as pistas sugeridas, explorando-as de maneira original. É pena que a capacidade que revela na sistematização do material empírico não tenha sido mais aproveitada numa discussão em que fôssem explicitados e formalizados os problemas resultantes da orientação metodológica seguida.

Foi o procedimento de isolar a noção de conduta que encaminhou e tornou coerente o tratamento dado aos capítulos posteriores. Realmente, o esquema de assimilação de Glaser, nêles tomado por base, só poderia ser aplicado de maneira consistente a dados que tivessem sido encarados pelo investigador de acôrdo com a perspectiva de sistema de ação. É esse tipo de abordagem que permite romper o contexto mais amplo constituído por um determinado conjunto ordenado de elementos e tratar cada um desses elementos (a "ação social" ou a "conduta") como unidades que são significativas cientificamente e que podem ser compreendidas e interpretadas de modo autônomo. Isto não é possível quando se adota um ponto de vista estrutural em que, não importa como se conceitue *papel social*, êste funciona unicamente como uma via, um recurso analítico para se chegar à descoberta da configuração assumida pelos conjuntos nos quais se integram.

Não será, talvez, ousado dizer que, em Nadel, foi a compreensão da relevância dos elementos do conjunto (os papéis sociais tais como êle os definiu) e das possibilidades que abrem para a penetração da vida social e, ao mesmo tempo, o impasse teórico que surge quando não se concebem êsses elementos como unidades por si só significativas e se considera o conjunto por êles formado como objeto de investigação, que conduziu êsse autor à afirmação, melancólica para um teórico das estruturas, de que, em estudos dessa natureza, o importante não é o quadro final ao qual se chega, mas os passos que conduzem a êle. "Nosso proveito reside na aplicação de métodos analíticos adequados, não em reunir, sistematicamente, os resultados. Pois é no curso de sua aplicação que logramos uma visão penetrante do funcionamento da sociedade (...) Assim, paradoxalmente falando, ganhamos não por ter definido uma estrutura social, mas por ter tentado defini-la, não por ter terminado o estudo, mas pelo processo de realizá-lo". (*The Theory of Social Structure*, pág. 154).

Está bastante claro que Roberto Cardoso de Oliveira preferiu a noção de conduta social à de ação social, porque a primeira inclui os componentes culturais que serão explorados em sua análise e que não fazem parte do segundo conceito.

Êste ponto também poderia ter merecido uma formulação explícita, visto como, no capítulo VII, a noção de conduta estará ligada, ao mesmo tempo, a esquemas "tradicionais" de aculturação e a outro, que leva primordialmente em conta o sistema de relações sociais. Recorreu-se mesmo à noção de conduta como o instrumento capaz de associar essas duas perspectivas e como um recurso contra o perigo de se "considerarem os sistemas culturais em si mesmos, perdendo de vista, muitas vêzes, a população ou o grupo social portador" (pág. 113). Os excelentes resultados "operativos" conseguidos pela utilização conjunta dessas duas posições podem ser apreciados nas análises sobre jogos e sobre rituais mágico-religiosos das populações terêna aldeadas.

De outra parte, ao se considerar a população destribalizada, desaparece a preocupação com os elementos de ordem cultural e a análise é realizada caracteristicamente em termos de ação social. Para que isto fique claro, basta atentar para o critério esco-

lhido pelo autor, de medir assimilação pelo padrão de identificação étnica (cf. Glaser), de acôrdo com o qual a investigação é conduzida para a descoberta das categorias étnicas (ideologia étnica) que orientam a ação do sujeito, o curso por ela assumido (preferências associativas) e os efeitos psico-sociais da ação (sentimentos provocados por contactos étnicos). Êsses os três componentes do padrão de identificação étnica, complexo que, no esquema de Glaser é tomado como unidade de investigação, de acôrdo com um ponto de vista que não leva em conta estrutura social. O objetivo das proposições de Glaser parece ser, de um lado, elaborar um esquema para a compreensão do sentido das relações interétnicas e, de outro, fundamentar a possibilidade de medir sua orientação e sua intensidade. E' êsse, pensamos, o significado das hipóteses relativas à existência de um "continuum" no padrão de identificação étnica e da tentativa de definir pontos ("segregating — marginal — desegregating — assimilated") nesse "continuum". Parecem estar aí lançadas as bases para a tentativa de um escalonamento adequado à medida de relações interétnicas. Com isto, se vê a que distância nos encontramos, ao adotar a posição de Glaser, de uma concepção estrutural de sociedade. Esta última perspectiva envolve uma visão da vida social em termos de "totalidades" e a posição que pode ser discernida no esquema de Glaser pressupõe a possibilidade de fragmentação dessa realidade (não apenas para fins analíticos) e de considerar o complexo mais restrito, constituído pela ação social do sujeito, como unidade de investigação.

Com essas considerações tivemos em mente evidenciar a importância estratégica que, na posição metodológica subjacente ao trabalho sôbre os Terêna, cabe ao conceito de conduta. Progressivamente desligado do contexto teórico a que Nadel o inseriu e que serviu de ponto de partida para Roberto Cardoso de Oliveira, foi reelaborado de maneira original, no sentido de permitir a utilização de um esquema como o de Glaser. Foi a exploração do conceito de conduta, tal como realizada pelo autor, que possibilitou o recurso alternado, de modo consistente, de perspectivas metodológicas que não têm sido, na maioria das vêzes, aproveitadas associadamente. Os resultados conseguidos no cap. VIII evidenciam as possibilidades abertas por essa tentativa de integração. Lamentamos, apenas, mais uma vez, que ela se tenha processado principalmente no plano de tratamento metodológico dos materiais empíricos e que o autor não tenha formalizado os problemas teóricos nela envolvidos.

Maria Sylvia Franco Moreira

MECENAS DOURADO: *A Conversão do Gentio*. 211 págs. Liv. S. José. Rio de Janeiro, 1958.

O livro do sr. Mecenas Dourado sôbre "A Conversão do Gentio" não trata, como pode sugerir o título, de uma discussão teórica da possibilidade de sociedades tribais assimilarem e integrarem harmônicamente no bojo de sua cultura padrões e valores religiosos elaborados por sociedades de estrutura social mais complexa e cultura mais diversificada. E' um estudo da atividade catequética jesuítica entre as populações indígenas do Brasil no início da colonização, isto é, nos séculos XVI e XVII. Entretanto, não pretende o Autor estudar, de um ponto de vista que possa interessar ao antropólogo, a situação de contacto cultural e os resultados decorrentes. A constatação de que as populações indígenas não se converteram, como o prova a abundante documentação que recolhe, nem poderiam se converter, conforme postulam as teorias antropológicas às quais recorre, é o tema do livro; entretanto, seu objetivo último consiste em permitir elaborar uma perspectiva de análise da missão jesuítica livre das distorções introduzidas sôbre a matéria pelos que possuem pré-noções ou estão interessados